



ENTREVISTA

**NARRATIVAS E CÂMERAS:
EXPLORANDO O CINEMA
COM O PROFESSOR FÁBIO
DIAZ CAMARNEIRO**

Sergio Oliveira Dias

*Bacharel em Artes Plásticas/UFES. Especialista em
Conservação de Bens Culturais Móveis/UFRJ.
Gerência de Acesso e Mediação Cultural - APEES.*



Fábio Diaz Camarneiro é doutor em Meios e Processos Audiovisuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e mestre em Comunicação Impressa e Audiovisual pela mesma instituição. É professor no curso de Cinema e Audiovisual na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Sergio Oliveira Dias: Como foi seu “approach” com o cinema? Como começou a sua paixão/aproximação com o cinema/audiovisual? Aconteceu de modo orgânico ou foi se consolidando como opção profissional?

Fábio Diaz Camarneiro: Minha paixão pelo cinema é muito antiga, desde a infância, com meus pais me levando para ver filmes de Hollywood (os blockbusters dos anos 1980) e filmes dos Trapalhões e também com a programação da televisão (sempre houve a televisão), onde pude muito cedo descobrir o cinema da Nova Hollywood, com Martin Scorsese, Francis Ford Coppola, Woody Allen, William Friedkin e Peter Bogdanovich entre meus favoritos dessa época.

Nos tempos de ensino médio (que chamávamos “colégio”) eu já era conhecido entre meus colegas pela cinefilia. Nessa época, descobri coisas novas, o cinema europeu e asiático, e meus parâmetros começaram a se ampliar. Lembro especialmente das sessões de Asas do desejo (Wim Wenders), no CineSesc da Rua Augusta, em São Paulo, até hoje minha sala de cinema favorita, e de ver O anjo exterminador, de Luis Buñuel, em uma sessão gratuita, salvo engano, na Biblioteca Pública de Santo André (cidade do ABC paulista onde nasci).

Na época da faculdade de jornalismo, a cinefilia se solidificou e comecei a ir ao cinema quase todos os dias, não raro mais de uma vez por dia e a acompanhar as mostras e retrospectivas, na Cinemateca Brasileira, no Centro Cultural Banco do Brasil, no Cinusp. Passei a estudar a história do cinema de maneira mais sistemática e a tentar assistir a maior quantidade possível de filmes, de diferentes épocas, nacionalidades, estilos e gêneros. Alguns pontos importantes nesse trajeto foram o curso de história do cinema

Na época da faculdade de jornalismo, a cinefilia se solidificou e comecei a ir ao cinema quase todos os dias, não raro mais de uma vez por dia e a acompanhar as mostras e retrospectivas, na Cinemateca Brasileira, no Centro Cultural Banco do Brasil, no Cinusp”.

do crítico Inácio Araújo (que existe até hoje, em versão on-line), do qual jamais me esqueço da aula sobre Douglas Sirk e também as sessões que o cineasta Carlos Reichenbach organizava mensalmente no CineSesc, com o nome de “Sessão Comodoro”, onde vi, por exemplo, Audition, do japonês Takashi Miike, entre outras coisas.

Comecei a escrever críticas de cinema, a frequentar cabines, a trabalhar como roteirista, a dar aulas de história do cinema em cursos livres da prefeitura de São Paulo e em outras instituições privadas. E decidi, anos mais tarde, por continuar meus estudos sobre cinema na USP, fazendo meu mestrado e doutorado sobre o cineasta carioca Júlio Bressane sob orientação do professor Rubens Machado Jr.



Fábio Diaz Camarneiro durante sessão do curso de extensão *Imagens do Cinema* no Cine Metrôpolis - UFES.

Sergio Oliveira Dias: Conte-nos como foi esse percurso para chegar até a UFES como docente do curso de Cinema e Audiovisual?

Fábio Diaz Camarneiro: Essa parte é simples: eu estava cursando o doutorado em São Paulo e a UFES abriu um concurso que pedia o título de mestre. Então eu poderia, se quisesse e caso passasse em primeiro lugar, assumir a vaga. Eu nunca tinha estado em Vitória antes, pousei no antigo aeroporto em um domingo à noite e me hospedei próximo à Ponte da Passagem. Após uma semana de concurso, os resultados me colocavam em primeiro lugar. Confesso que fiquei um pouco aturdido, mas resolvi encarar o desafio de assumir o cargo enquanto ainda terminava o doutorado na USP. Um pouco mais de dez anos depois, sigo em Vitória e sigo no curso de Cinema e Audiovisual.

Sergio Oliveira Dias: O curso “Imagens do Futuro” que você coordena na UFES é um projeto de extensão bem sucedido. Quais conceitos teóricos e práticos foram aplicados na sua elaboração e que adaptações (caso tenham ocorrido) foram inseridas durante o seu desenvolvimento para alcançar os objetivos propostos?

Fábio Diaz Camarneiro: Na verdade, “Imagens do Futuro” é, digamos assim, um nome fantasia. O nome oficial do projeto é “Uma História do Cinema no Cine Metrôpolis”. A ideia é organizar ciclos semestrais em torno de temas que tenham pertinência no mundo contemporâneo e, a partir daí, fazer uma curadoria com aproximadamente 12 filmes ou mais (de acordo com o calendário de cada semestre), de diferentes épocas e nacionalidades, misturando cineastas homens e mulheres, brancos e negros, cis e trans, heteros ou da comunidade LGBTQIA+. Enfim, tentar a maior diversidade possível entre os filmes e também criar, a partir deles, uma curadoria que proporcione debates interessantes e que faça com que os filmes se complementem e que “conversem” uns com os outros.

Acredito que não seja nada muito diferente de qualquer processo de curadoria de filmes, mas temos grande liberdade em experimentar, sempre com o apoio da equipe de programação do Cine Metrôpolis, que me auxilia em todas as etapas do processo, sugerindo filmes, testando as cópias, produzindo a divulgação etc. Além de “Imagens do Futuro”, que aconteceu em dois semestres, tivemos um semestre dedicado às “Imagens do Trabalho”, com filmes que

“Enfim, tentar a maior diversidade possível entre os filmes e também criar, a partir deles, uma curadoria que proporcione debates interessantes e que faça com que os filmes se complementem e que “conversem” uns com os outros”.



pensavam a questão do trabalho, as lutas pelos direitos trabalhistas, a nova precarização contemporânea etc. Importante ainda lembrar que a participação nas sessões é aberta a todas e todos, de forma gratuita, e que as sessões costumam acontecer todas as quartas-feiras, às 13h, no Cine Metrôpolis, no Campus da UFES, em Goiabeiras. Como a Universidade está atualmente em greve, as sessões sofreram uma pausa, mas planejamos retornar em junho com as sessões.

Sergio Oliveira Dias: O seu novo projeto “Imagens do Cinema” (me corrija se eu estiver errado) está mais voltado para os movimentos estéticos do cinema/audiovisual. Que reflexões poderia fazer a respeito do interesse dos novos estudiosos e realizadores do audiovisual capixaba pelo conhecimento da história do cinema e dos seus movimentos estéticos transformadores que despontaram no século XX e início do século XXI?

Fábio Diaz Camarneiro: A ideia deste ciclo atual “Imagens do cinema” veio do Cine Metrôpolis. Neste ano, 2024, comemoram-se os 50 anos de criação do Cineclub Metrôpolis, que depois se transformaria na semente do que hoje é o espaço que conhecemos como Cine Metrôpolis. Uma história feita por mui-

tas pessoas ligadas ao cinema no Espírito Santo e na Grande Vitória e que, tenho certeza, ajudou a formar muita gente. Este ciclo quer prestar uma homenagem ao próprio cinema, aos filmes, às pessoas que os realizam, às paixões que movem essas pessoas e, também, ao público e seu desejo de assistir a sombras que se movem em uma tela. Queremos explorar diferentes cinematografias e estilos cinematográficos, tentando mostrar que o cinema não é apenas o blockbuster, não é apenas uma narrativa, não é apenas uma história contada por personagens, mas é também poesia e pensamento, filosofia e memória, música e tempo.

O cinema pode não ser a “arte completa” como imaginaram alguns de seus primeiros teóricos, mas é certamente uma arte que abrange muitas outras, que possui um alcance gigantesco, ainda que os filmes, dependendo de seus orçamentos, de suas origens e do cumprimento ou não de certas regras comerciais, tenham chances muito diferentes de alcançar o público. Queremos que pessoas possam experimentar assistir numa sala de cinema confortável, de forma gratuita, em tela grande, com projeção em DCP (a melhor disponível) e com som de alta qualidade, a alguns filmes importantes da história do cinema.

“O cinema pode não ser a “arte completa” como imaginaram alguns de seus primeiros teóricos, mas é certamente uma arte que abrange muitas outras, que possui um alcance gigantesco, ainda que os filmes, dependendo de seus orçamentos, de suas origens e do cumprimento ou não de certas regras comerciais, tenham chances muito diferentes de alcançar o público”.

Sergio Oliveira Dias: Na sua avaliação, quais os impactos positivos da criação do curso de Cinema e Audiovisual da UFES para o cenário da cultura local: como o de proporcionar maior aproximação da produção capixaba com o público; melhoria da qualidade das produções; ampliação do mercado de trabalho para os que almejam tornarem-se profissionais?

Fábio Diaz Camarneiro: Acredito que uma indústria audiovisual forte precisa de três coisas: a) formação, b) investimento e c) público. A formação no Espírito Santo nós temos com o curso de Cinema e Audiovisual da UFES, ainda que o curso tenha seus problemas e seus reveses, que nós, professores e coordenadores, tentamos o tempo todo corrigir, dentro da velocidade da burocracia das instituições públi-



cas, que muitas vezes é mais lenta do que gostaríamos. O investimento depende de políticas públicas, mas acho que, ainda que possam parecer insuficientes, temos canais de investimento para o cinema e o audiovisual em editais da Secult e outros. Sobre o público, temos mostras importantes como o Festival de Cinema de Vitória, mas acredito que seria interessante um espaço para olharmos não apenas para o presente, mas também para o passado. Como professor de história do cinema, acho que a Universidade em geral e o Cine Metrôpolis em particular poderiam ocupar esse lugar, fornecendo algumas referências históricas do cinema, apresentadas em tela grande, com uma projeção de alta qualidade. Sempre disse que cineastas como, por exemplo, Glauber Rocha, só podem ser apreciados em sua totalidade quando vistos em tela grande, é um cineasta que parece “pedir” a tela grande. Então é importantíssimo que algum espaço de cinema no Estado possa se dedicar, entre outras coisas, a esse olhar histórico e retrospectivo. Acreditamos que assim, possamos contribuir, ainda que de maneira muito modesta, para o fortalecimento da cultura audiovisual local.